

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



TRADIÇÃO E REVOLUÇÃO

HOMENAGEM A LUÍS REIS TORRAL

VOLUME 29, 2008

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**A LITERATURA MACAENSE E A OBRA DE
HENRIQUE DE SENNA FERNANDES
Um olhar histórico-sociológico* ⁽¹⁾**

1. O objectivo deste artigo é o de demonstrar que a obra de Henrique de Senna Fernandes, assim como a de outros escritores macaenses *stricto sensu*, será esteticamente mais valorizada se entendida como parte integrante da experiência literária lusófona. A perspectiva analítica subjacente contraria, de certo modo, as tendências dominantes no estudo destes escritores, entendidos, pela maioria dos críticos, como expressões regionais da literatura portuguesa. David Brookshaw (1999; 2000; 2002) constitui, de certa maneira, uma excepção à orientação prevalecente, o que se deve provavelmente ao facto de ter iniciado a sua carreira de investigador e de docente como brasileiro, passando depois ao estudo das literaturas africanas e macaense.

Num sentido geral, o termo "macaense" remete para tudo o que se relaciona com Macau. Não é este, porém, o sentido que interessou ao propósito do presente artigo, pelo que, num esforço de apuramento conceptual, utilizei a designação "macaenses *strido sensu*". Com ela pretendo relevar o grupo dos chamados "filhos da terra", *i.e.*, mestiços descendentes de portugueses, chineses e de outros grupos humanos que

* Universidade da Beira Interior.

⁽¹⁾ Agradeço ao Prof. Doutor Fernando Cristóvão a leitura e os comentários que fez ao presente artigo. Eventuais imprecisões são obviamente da minha responsabilidade.

aportaram a Macau, portadores de uma cultura igualmente mestiça e de um crioulo de base portuguesa, o *patois*, hoje praticamente extinto. Por razões que se prendem com as suas capacidades culturais e linguísticas, serviram de intermediários entre a administração portuguesa e a população chinesa, o que, por sua vez, lhes proporcionou um estatuto privilegiado na sociedade "colonial", fazendo deles o que, na tradição weberiana, se designa por grupo de *status*. Reconhecem-se como tal e são, nessa singularidade, igualmente reconhecidos pela literatura antropológica.

Por experiência literária lusófona⁽²⁾ entendo o percurso literário iniciado no Brasil, seguido depois nas colónias portuguesas em África e, de certa maneira, em Goa, e, mais recentemente, em Timor, que conduziu à autonomização das respectivas literaturas em relação à literatura portuguesa. Se atribuímos ao cânone literário um sentido histórico que releve a influência de uns escritores sobre outros que encontram afinidades entre os conteúdos por aqueles descritos e as suas próprias realidades sociais, poder-se-á considerar a experiência em apreço, ou seja, a tradição literária lusófona, com o percurso histórico descrito, como um cânone⁽³⁾. Consequentemente, designarei, doravante, a referida experiência por cânone lusófono.

Olhar a obra de Senna Fernandes e, no fim, a de todos os escritores macaenses nestes termos implica a adopção prévia de uma perspectiva analítica que, na falta de melhor designação, chamaria de histórico-sociológica, na qual a influência de Norbert Elias (1976) é evidente. Trata-se, na verdade, de interpretar as experiências estéticas em apreço à luz de um processo sócio-genético⁽⁴⁾ que, não obstante os

⁽²⁾ De referir que, hoje, sob a designação lusófona, se inclui (quase sempre) Portugal e a respectiva experiência sócio-linguística.

⁽³⁾ Cânone, assim entendido, tem quase o sentido de tradição. É com este mesmo sentido que Harold Bloom (1997) define e descreve o cânone ocidental, que, nessa acepção, deixa de ser "[...] uma lista de livros de estudo obrigatório [...]" para passar a ser encarado como "[...] a relação de um leitor e de um escritor individuais com aquilo que foi preservado de entre tudo o que foi escrito [...]" (p. 28). "Poemas, histórias, romances e peças anteriores - di-lo noutra sítio -[...] surgem como resposta a poemas, histórias, romances e peças anteriores, e essa resposta está dependente de actos de leitura e de interpretação levados a cabo pelos escritores posteriores [...]" (p. 21).

⁽⁴⁾ Elias entende o processo histórico como uma sequência de configurações (que podem ser sociedades-estado) resultantes de interdependências humanas

compromissos nacionalistas inerentes, atravessou fronteiras e relevou o elemento português como denominador comum. A vantagem de uma tal perspectiva, que também é um método analítico, reside no facto de assim se poder evidenciar, contextualizar e valorizar experiências literárias que, doutro modo, face aos paradigmas vigentes (em muito devedores do nacionalista, não obstante a vivência globalizada dos nossos dias), nunca mereceriam a devida atenção.

2. Não sendo propósito deste artigo discutir o que é literatura macaense, não poderia deixar de iniciar este ponto, destinado a contextualizar essa literatura, começando precisamente pela sua definição. Num sentido alargado valerá como macaense toda a literatura produzida em Macau que tenha a vivência no território como um importante referente do seu conteúdo. Pertencerão, assim, a esta literatura escritores portugueses que vivem no território, ou nele viveram, e sobre ele, nos seus escritos, deram e dão testemunho (obviamente em língua portuguesa), assim como escritores chineses (e eventualmente outros?), oriundos ou residentes em Macau, que, na sua língua, igualmente expressam a particularidade histórica e cultural do território. Escritores como Camilo Pessanha, Venceslau de Moraes, Rodrigo Leal de Carvalho e Fernanda Dias serão, deste modo, escritores que, para além de portugueses, são igualmente macaenses. Por esta designação podem ser igualmente referenciados escritores de língua chinesa, como Lio Chi Heng, Lião Zixin ou Yao Feng.

Como procurei desenvolver em trabalho anterior (Venâncio, 2006), este sentido de literatura macaense não corresponde ao entendimento de Macau como campo literário, conceito que utilizo no sentido bourdiano do termo, dada a heterogeneidade, ou melhor, a não articulação entre as

contextualizadas no tempo, conquanto não fechadas em si. As interdependências podem ser de dois níveis: as que se desenrolam numa relação de face a face (que assumem, por isso, uma dimensão interactiva) e as que acontecem num plano macro (a nível da "tribo", da sociedade-estado, da civilização...), em que a ligação se manifesta apenas através da adesão a símbolos comuns. Ao longo do artigo procurarei evidenciar este último tipo de relações de (inter)dependência e de (inter)influência que consubstanciaram e consubstanciam o que se poderá designar por "configuração lusófona", realidade conceptual onde se plasmam conceitos como o de "cânone lusófono", já referido, e o de "núcleo duro da lusofonia".

diferentes fracções do hipotético campo literário, pelo simples facto de que, entre as comunidades a que essas fracções podem corresponder, não existe comunicação nem troca de experiências de forma a que possam influenciar-se mutuamente em termos estéticos. A apreciação de obras literárias referidas a Macau em função de tal contexto ou referente, simbolicamente espartilhado, conduz inevitavelmente a duas situações:

- 1) ou essa apreciação é superficial, não desvendando o que as obras têm de esteticamente mais profundo e comprometedor;
- 2) ou, na tentativa de uma avaliação mais profunda, os contextos ou, talvez melhor, os arquitextos originais acabam por prevalecer. Refiro-me aos arquitextos chinês e português, em função dos quais as obras em apreço são consideradas como expressões regionais de qualquer das correspondentes literaturas nacionais.

Assim, sem prejuízo para um sentido alargado de literatura macaense, integrando toda a literatura produzida em Macau - em que se toma, por conseguinte, o território como o principal referente de identificação -, a literatura macaense, tal como a entendo, é a literatura produzida por macaenses, escrita em português ou em *patois*, *papiaçam*, que, como diz José dos Santos Ferreira (Adé) (1987), é a "[...] dóci lingu di Macau antigo".

Esta opção não está isenta de riscos. Não são muitos os macaenses que se dedicaram e se dedicam à escrita literária e, conseqüentemente, o *corpus* literário macaense acaba por não ser grande, tornando-se, por conseguinte, difícil descortinar nele tradições ou tendências dominantes consolidadas, não obstante o valor incontestável de alguns dos seus escritores. Entre esses, Luís Gonzaga Gomes ocupa um lugar cimeiro. A sua obra de teor ensaístico, com forte pendor historiográfico e etnográfico, é hoje incontornável para um conhecimento mais profundo de Macau, no que se refere a essas vertentes. Foi, por assim dizer, um estudioso e um divulgador da cultura chinesa de Macau e da China continental, constituindo-se, por essa via, como um dos poucos sinólogos de língua portuguesa. Muita dessa divulgação foi feita através da sua veia contista, conquanto esta surja enfeudada ao labor etnográfico, que assume um papel determinante e merecedor de consideração ao longo da sua obra, fazendo lembrar, nessa dimensão, o olhar e a escrita de outros escritores lusófonos, como, por exemplo, o escritor angolano (que também vale como português) Castro Soromenho na fase que precisamente denominei de etnográfica (Venâncio 1993).

Outros autores macaenses merecem igualmente constar desta breve lista. Adé (José dos Santos Ferreira) é um dos nomes mais referenciados da literatura macaense, devido sobretudo à sua poesia em "língua macaísta", conquanto seja autor de uma interessante novela, de sabor picaresco, *História de Maria e Alferes João*. Maria Pacheco Borges, autora de *Chinesinha* (1974 /1995), obra em que se descortina a influência de Luís Gonzaga Gomes e de Deolinda da Conceição, é outro nome a merecer menção.

No que respeita à ficção, Deolinda da Conceição é, a par de Henrique de Senna Fernandes, um dos nomes mais consagrados da literatura macaense. É autora de um livro de contos, *Cheong-sam. A cabaia*, centrado na mulher chinesa, quer de Macau, quer do continente, na sua mágoa e na sua revolta contra uma mundividência tradicional que teima em silenciar o elemento feminino, subjugando-o ao masculino.

3. Henrique de Senna Fernandes é, entre os nomes referidos, o mais prolífero em termos de obra ficcional. Da sua bibliografia constam os títulos: *A trança feiticeira* (Lisboa, 1993), *Amor e dedinhos de pé* (Macau, 1994, 4.^a ed.), *Nam Van. Contos de Macau* (Macau, 1997, 2.^a ed.) e *Mong-Há* (Macau, 1998). Referi, no início do artigo, que o propósito principal do mesmo seria demonstrar que a obra de Henrique de Senna Fernandes - não deixando o mesmo de ser um escritor macaense, ou ainda melhor, precisamente porque é um escritor macaense - seria mais valorizada se olhada sob o prisma do cânone lusófono. Vários factores levaram-me a ponderar, nestes termos, o seu percurso literário. Em primeiro lugar, a sua estada em Coimbra, enquanto estudante, onde terá sido permeável ao movimento neo-realista, então em voga, e cuja influência sobre a sua obra, mormente sobre o conto "A-Chan, a tancareira"⁽⁵⁾, foi apontada por David Brookshaw (2000:275). Na cidade do Mondego teve contacto com outros estudantes "ultramarininos", mormente com os que se reuniam em torno da secção coimbrã da Casa dos Estudantes do Império, grupo ao qual pertencia o poeta e nacionalista angolano Agostinho Neto, então estudante de Medicina. Henrique de Senna Fernandes recorda-se, por exemplo, de ter participado, na companhia do irmão, numa tertúlia ⁵

(5) Publicado primeiramente em Angola, ainda durante o período colonial, na colecção Cadernos do Capricórnio, dirigida por Orlando de Albuquerque e, mais tarde, inserido no volume *Nam Van. Contos de Macau*.

literária no quarto de Neto, onde poemas deste autor foram lidos em voz alta⁽⁶⁾.

O já referido conto *A-Chan, a tancareira*, escrito em 1950 e galardoado com o prémio Fialho de Almeida dos Jogos Florais da Queima das Fitas desse ano, desempenha um importante papel no decurso da argumentação que tenho vindo a desenvolver, na medida em que se constitui como um importante elo de ligação entre a experiência literária macaense e a lusófona. Versa o mesmo uma temática recorrente nas então emergentes literaturas africanas em língua portuguesa, que é o da crítica à ideologia colonial que reduzia a mulher local, "colonizada", a objecto sexual, a simples depositária da libido do colonizador. Por esta via estabelece Senna Fernandes uma aproximação, mesmo que desvanecida (o que, mais uma vez, é passível de explicação pelo estatuto e pela situação específica de Macau), à ideologia anti-colonial determinante na afirmação e legitimação daquelas literaturas⁽⁷⁾.

A-Chan, a heroína, é uma tancareira (condutora de tancá, embarcação tradicional de transporte de pessoas e de mercadorias) do Porto Interior de Macau. Apaixona-se por um marinheiro português, Manuel, de quem tem uma filha. Quando o companheiro tem de regressar à metrópole, este tenciona levar a filha e A-Chan, resignada com o seu próprio destino e na esperança de que a filha venha a ter um futuro melhor que o seu, deixa-a partir com o pai:

"Quando o apito estrugiu mais uma vez, Manuel estendeu os braços para a tancareira humilde. A-Chan mirou-o num instante e depois, suavemente, entregou-lhe a filha pequenina, murmurando numa derradeira solicitude maternal.

- Cuidadinho... cuidadinho..." (p. 20).

(6) Informação recolhida em entrevista efectuada nos dias 6 e 8 de Março de 2007, em Macau, no escritório de Senna Fernandes.

(7) De referir que Deolinda da Conceição tem um conto com uma temática idêntica, que a remete igualmente para o mesmo universo lusófono. Trata-se do conto *A esmola*, que nos relata a dor de uma mãe chinesa que, despedindo-se do filho que ia estudar para a metrópole, não é por ele reconhecida como tal perante os colegas e respectivas famílias. Ao aproximar-se do filho, na altura do embarque, recebe, em vez de uma manifestação de afecto, uma esmola e, ao insólito da situação, responde: Ele deu-me uma esmola, ele deu-me uma esmola, em troca da vida que lhe dei!" (p. 29).

Uma tal resignação encontra, em parte, explicação na história de vida de A-Chan, que é, no essencial, igual a tantas outras mulheres na China tradicional, educadas para se submeterem ao poder masculino, para servir o homem. A aceitação desta explicação não significa, porém, que ela não se tenha, até certo ponto, rebelado contra essa mesma ordem, como acontece, aliás, a outras personagens chinesas femininas de Senna Fernandes, como é o caso de A-Leng, em *A trança feiticeira*. Seguem ambas o que o coração lhes dita, pelo que se posicionam como "transgressoras" - expressão de Maria Manuela Vale (2001:313) - da ordem moral reinante no seu meio. Mas se A-Chan teve, na verdade, coragem para desafiar os preceitos tradicionais, faltou-lhe coragem ou força anímica para enfrentar a ordem colonial, perante a qual sucumbiu, ao aceitar separar-se da filha.

Mas não é apenas esta dimensão, onde se plasma uma certa denúncia da *sombra colonial*⁽⁸⁾, que aproxima a obra de Senna Fernandes do que designei por cânone lusófono. Uma segunda dimensão merece ser referida e explorada. Refiro-me, nomeadamente, ao sentimento de alogeneidade que transparece ao longo da sua obra e que terá a ver, por um lado, com a sua condição de macaense, de "filho da terra", que o mesmo será dizer de português de Macau, e, por outro, com o facto de Macau nunca ter deixado de ser território chinês, cuja posse poderia ser reivindicada, a qualquer momento, pela "mãe-pátria", sem que a administração portuguesa dispusesse de meios militares, ou mesmo políticos, para contrariar tal pretensão.

O romance *A trança feiticeira*, até pelo seu teor auto-biográfico, é seguramente o exemplo mais significativo da presença desse sentimento de alogeneidade, que se traduz praticamente no seu reverso, *i.e.*, na necessidade de aproximação ao Outro. O romance tem por enredo a história de amor entre Adozindo, um macaense de boas famílias, e A-Leng, uma aguadeira na primeira metade do século XX, altura em que a comunidade macaense se encontrava no seu apogeu. Adozindo, assinala-se, é repetidas vezes designado ao longo do romance por Belo Adozindo, em alusão irónica à sua vaidade e à postura sedutora em relação ao género feminino. Com uma vida economicamente folgada,⁸

⁽⁸⁾ Expressão que emprego por razões que se prendem com a já referida especificidade do estatuto jurídico-político de Macau.

poucas ou nenhuma eram as suas preocupações quanto ao futuro, até que conheceu A-Leng, que, com a sua longa trança, suscitou a paixão de Adozindo. Casaram-se e tiveram filhos, mas os pais deste, ciosos da sua condição de "macaenses", rejeitaram a opção do filho. Aurélio, o pai, apenas no fim da vida se aproximou do filho, fazendo-o numa largada de papagaio de papel, a que o filho e os netos se entregavam num momento de lazer, num quadro familiar idêntico ao experimentado por ele próprio aquando da infância do filho.

A aproximação à comunidade chinesa, a eleição da condição macaense ou, melhor, da condição mestiça como plataforma de entendimento e de vivência, são intenções evidentes no romance, que, como já referido, tem um elevado teor auto-biográfico, como se verifica em entrevista que concedeu a Inácia de Moraes⁽⁹⁾. Como Adozindo, Senna Fernandes desposou igualmente uma senhora chinesa contra a vontade da família. A reconciliação dá-se em Hong Kong aquando de uma hospitalização do pai, altura em que a futura esposa, na impossibilidade de outro familiar ficar em Hong Kong a fazer companhia ao pai, se prontificou a deslocar-se de Macau a esta cidade, para o efeito. Em conversa que mantive com o autor em Junho de 2006, este confidenciou-me que, na verdade, esteve para incluir no enredo do romance em apreço uma ida a Hong Kong com propósitos muito idênticos.

4. Sentimento idêntico desempenhou um papel estruturante na literatura brasileira, proporcionando, nessa qualidade, a emergência de uma das suas temáticas dominantes: aproximação e tradução⁽¹⁰⁾ do Outro. Este tanto pode ser iletrado, como indígena, negro, rural ou sertanejo.

⁽⁹⁾Entrevista concedida no âmbito da investigação que a autora realizou para a preparação da sua tese de doutoramento na Universidade de Macau, intitulada: *O feminino na literatura macaense* (Macau, 2007).

O teor autobiográfico é igualmente verificável naquela que pode ser tida como a sua obra-prima, *Amor e dedinhos de pé*, cujo herói, Francisco da Mota Frontaria, mais tarde conhecido como Chico-Pé-Fêde, um ilustre descendente "[...] dos Frontarias lorcheiros (de lorcha, veleiro de médio porte)" (p. 13), é o representante de uma ilustre família macaense, que em Angola (até há uns anos, pelo menos) encontraria correlato na condição de "família crioula" e que no Brasil se designaria de "família quatrocentona".

a°) o conceito de tradução pode implicar um acto em que o sujeito da acção surge oculto, o que não acontece propriamente com o conceito de representação.

Euclides da Cunha, com *Os Sertões*, os romancistas nordestinos (José Lins do Rego, Graciliano Ramos, entre outros), Mário de Andrade com o seu *Macunaima*, Jorge Amado com a maior parte da sua obra, e mais recentemente, escritores como João Ubaldo Ribeiro (sobretudo com *Sargento Getúlio* e *Viva o povo brasileiro*) e Márcio de Souza, autor, entre outros textos, de *Galvez - imperador do Acre*, comprovam esta isotopia do texto literário brasileiro. Desta opinião são, de resto, alguns críticos literários, que têm relevado o lado rural dessa literatura⁽¹¹⁾.

Encontramos preocupações idênticas nas literaturas africanas de língua portuguesa, cujos processos de emergência e de autonomização seguiram, em muito, a experiência literária brasileira, que, desta forma, desempenhou, sobretudo no que respeita às literaturas cabo-verdiana e angolana, um papel matricial. Este papel foi particularmente evidente no que respeita ao regionalismo nordestino e ao modernismo brasileiro, movimentos culturais e artísticos que influenciaram os então ainda incipientes universos literários cabo-verdiano e angolano, por razões que se prendem, sobretudo, com o facto de os intelectuais africanos reconhecerem como idêntica à sua a problemática geográfica e sociológica evidenciada pelos movimentos brasileiros. A necessidade de se identificar com o Outro, traduzindo-o ou nele se diluindo enquanto pessoa, tornou-se, assim, num dos temas partilhados pelas literaturas dos dois lados do Atlântico, reflectindo-se, no que se refere à experiência africana, na representação do camponês afrontado com as constantes secas, o caso da literatura cabo-verdiana, ou na do sujeito de enunciação na pele do

É nesse sentido, o de subtracção ou ocultação do sujeito histórico, que emprego o termo "tradução".

⁽¹¹⁾ Cf., por exemplo, a comparação que A. Margando (1992) faz de James Joyce e Guimarães Rosa. Ao contrário do que é usualmente aceite, estes escritores divergem mais do que convergem. De comum têm apenas a exacerbação do sentimento nacional, transposto para a subversão das línguas em que escrevem. Joyce, em cuja obra "[...] não há campo nem camponeses [...]" (p. 74), subverteu o idioma de escrita para afirmar uma postura universalista, criar espaço para uma outra [...] língua em que possam estar presentes todas as demais línguas, vivas ou mortas, europeias ou outras" (p. 71). Guimarães Rosa, pelo contrário, teria uma postura regionalista, procurando realçar o particular com o registo do linguajar do interior de Minas. Para uma discussão mais alargada desta isotopia do texto literário brasileiro, cf. o livro clássico de António Cândido, 1993 [1975], *Formação da literatura brasileira*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia Limitada.

colonizado, étnicamente integrado ou não, mas vilipendiado e explorado, como acontece na literatura angolana. A dualidade entre mundo urbano e mundo rural, entre colonos e colonizados, entre os ditos civilizados e os étnicamente integrados, foi, no que respeita sobretudo a Angola, assumida com particular angústia pelas elites culturais brancas e mestiças, que, mais tocadas pelo sentimento de alogeneidade⁽¹²⁾ e não partilhando dos ideais colonialistas, desejavam inscrever a sua *praxis* política e cultural nos países novos que emergiriam das cinzas do colonialismo. Vários são os exemplos a apontar a este respeito. No que se refere à poesia dos anos 50, António Jacinto será, porventura, o poeta que levou mais longe essa experiência de entrega ao Outro. Significativo a esse respeito é o seu "Poema da alienação", que termina invocando precisamente a sua alienação enquanto homem "branco": "[...] o meu poema sou eu-branco / montado em mim-preto / a cavalgar pela vida".

Outros nomes poderiam ser igualmente apontados. Pepetela, Ruy Duarte de Carvalho e Manuel Rui contam-se entre os que assim procederam e têm procedido. O moçambicano Mía Couto tem também protagonizado uma experiência idêntica, conquanto dos seus textos não se possa inferir qualquer preocupação explícita com a construção da nação, como, por exemplo, acontece, ou talvez melhor, aconteceu com Pepetela.

5.O sentimento de angústia em apreço, onde se fundamenta a aproximação e a tradução do Outro enquanto atitudes literárias, aliado a um propósito anti-colonial, constituem duas importantes características, a que se juntam naturalmente outras, para a sustentabilidade teórica do que se poderá considerar como cânone lusófono, que, de forma menos enfática, poderá apenas ser considerado como um percurso de escrita e de estética em língua portuguesa. Mesmo nesta assunção menos formal, não deixa o mesmo, porém, de confirmar, no âmbito da lusofonia, o papel matricial desempenhado pelo núcleo duro desta, circunscrito ao espaço atlântico (no que condiz com o que Wallerstein entende por economia-

⁽¹²⁾Que pode ser também de "exílio", entendido este num sentido que é mais metafórico do que real. "Es como si la disonancia de la vida demandara un nuevo diálogo entre vida y literatura a la luz de la experiencia del exilio [...]", diz Ranajit Guha (2006: 100) num texto em que procura manter o diálogo com o intelectual palestino Edward Said, falecido em 2003, e respectiva obra.

-mundo europeia), mais propriamente às regiões de miscigenação antiga, o Nordeste brasileiro, Cabo Verde e os espaços urbanos mais antigos de Angola, Luanda, Benguela e respectivos *hinterlands*.

Se o propósito anti-colonial em Senna Fernandes não poderá ser entendido como o desejo de constituição de uma literatura nacional por razões que se prendem com a especificidade jurídico-política de Macau, hoje, numa conjuntura marcada pela globalização, pela migração em massa e pelas consequentes desterritorializações culturais, a importância da postura nacionalista perdeu significado na definição do cânone em apreço. É, aliás, o que acontece com outros escritores lusófonos, nomeadamente com os que são oriundos das regiões que desempenharam um papel matricial na constituição da lusofonia, que hoje, desvanecido o paradigma nacionalista, vêem os seus textos recepcionados e valorizados mais em função do universo lusófono do que propriamente dos respectivos contextos nacionais. Refiro-me, entre outros, a Pepetela, Germano Almeida e, sobretudo, a José Eduardo Agualusa, que tem incluído recorrentemente a realidade brasileira na sua narrativa⁽¹³⁾. Por esta razão nada obsta a que a obra de Henrique de Senna Fernandes, exprimindo o contexto regional macaense, possa ser analisada à luz do cânone lusófono em detrimento do seu enfileiramento na tradição literária portuguesa. Estou convicto de que a referida obra sai valorizada com esta troca de referentes, pelo simples facto de que ela exprime uma experiência de vida, e respectiva esteticização, que é muito mais consentânea com a das suas congéneres lusófonas do que com a que é evidenciada pela literatura portuguesa.

Bibliografia

- BLOOM, Harold, 1997 [1994], *O cânone ocidental*, Lisboa, Temas & Debates.
- BROOKSHAW, David, 1999, "Macau e os macaenses: considerações sobre a obra de Henrique de Senna Fernandes e Rodrigo Leal de Carvalho", in *Veredas*, vol. 2, pp. 169-178.
- BROOKSHAW, David, 2000, "Imperial Diasporas and the Search for Authenticity. The Macanese Fiction of Henrique de Senna Fernandes", in *Lusotopie*, pp. 271-282.

⁽¹³⁾ Ver nomeadamente *Nação crioula* (Lisboa, 1997), *Fronteiras perdidas* (Lisboa, 1998) e *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (Lisboa, 2002).

- BROOKSHAW, David, 2002, *Perceptions of China in Modern Portuguese Literature*, Lewinston, The Edwin Mellen Press.
- CÂNDIDO, António, 1993 [1975], *Formação da literatura brasileira*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia
- COSTA, Francisco Lima da, 2005, *Fronteiras da identidade. Macaenses em Portugal e em Macau*, Lisboa, Fim de Século
- CRISTÓVÃO, Fernando, 1987 (2.^a ed.), "As literaturas de língua portuguesa em áreas tropicais", in *Noticias e problemas da pátria da língua*, Lisboa, ICALP, pp. 84-103.
- ELIAS, Norbert, 1974, *Über den Prozess der Zivilisation. Sozio genetis che und psychogenetische Untersuchungen*, I e II vols., Frankfurt a. M., Suhrkamp.
- GUHA, Ranajit, 2006 [2005], "El giro", in Hommi Bhabha e W. J. T. Mitchell (comps.), *Edward Said. Continuando la conversación*, Buenos Aires, Paidós, 99-106.
- LUKÁCS, Georg, 1994 [1920], *Die Theories des Romans. Ein geschichtsphilosophischer Versuch über die Formen der grossen Epik*, Munique, Deutscher Taschenbuch Verlag.
- M ARG ARIDO, Alfredo, 1992, "De Joyce a Guimarães Rosa", *Nova Renascença*, vol. 44, 12, pp. 69-74
- VALE, Maria Manuela, 2001, "A escrita da cidade e a narrativa macaense", *Revista de Filologia Românica*, Anejos, vol. II, pp. 301-322.
- VENÂNCIO, José Carlos, 1993 [1987], *Urna perspectiva etnológica da literatura angolana*, Lisboa, Ulmeiro.
- VENÂNCIO, José Carlos, 2000, *O facto africano. Elementos para uma sociologia de África*, Lisboa, Editorial Vega.
- VENÂNCIO, José Carlos, 2005, *A dominação colonial. Protagonismos e heranças*, Lisboa, Editorial Estampa.
- VENÂNCIO, José Carlos, 2006, "O escritor do inconformismo macaense: Henrique de Senna Fernandes", *Tempo Tribio*, voi. I, n.º 1, pp. 78-92.